

**AS IDENTIDADES DOS ESTUDANTES  
DO PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS  
– PROJovem URBANO EM (RE)CONSTRUÇÃO**

*Maria das Dores Dias Acosta (UEMS)<sup>92</sup>*

[profedasdores@yahoo.com.br](mailto:profedasdores@yahoo.com.br)

*João Fábio Sanches Silva (UEMS)*

[joaofabioss@yahoo.com.br](mailto:joaofabioss@yahoo.com.br)

**RESUMO**

A proposta deste artigo foi buscar compreender o processo de construção identitária dos estudantes do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano, sob a perspectiva da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo programa, em uma escola estadual, localizada no município de Campo Grande (MS). Para tanto, pautei-me em teorias pós-estruturalistas, com a finalidade de esclarecer o que desejei pesquisar, bem como ampliar conhecimentos sobre o assunto. Sendo assim, analisei o impacto das memórias de aprendizagens dos estudantes na busca da aquisição de conhecimentos oportunizados pelo programa e conseqüentemente na formação de suas identidades. Dessa maneira, o presente trabalho traz resultados de um estudo de base qualitativa, com cunho auto etnográfico. Os participantes são 6 estudantes, com faixa etária entre 21 a 31 anos. Os dados foram gerados a partir de questionários abertos, narrativas orais e escritas e entrevistas semiestruturadas. Sendo assim, apresento este estudo com uma breve introdução sobre o tema, na sequência sugiro uma discussão por meio dos conceitos sobre a identidade na contemporaneidade, em seguida trago algumas análises e discussões sobre as identidades dos participantes e finalmente, faço uma breve reflexão sobre o tema para que possamos ampliar nossos conhecimentos.

**Palavras-chave:** Identidade. Juventude. Projovem Urbano.

**1. Introdução**

**Cambia lo superficial  
cambia también lo profundo  
cambia el modo de pensar  
cambia todo en este mundo**

*Compositor: Julio Numhauser*

Nessa estrofe, ao afirmar que “muda o superficial, muda também o profundo, muda o modo de pensar, muda tudo neste mundo” (tradução minha), possibilitou-me traçar um paralelo com o tema do presente arti-

---

<sup>92</sup> Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa de estudos que me proporcionou maiores condições materiais para dedicar-me a este estudo.

go, identidade, isso porque pude inferir da letra da música, que o autor diz que tudo muda, ou melhor, tudo é muito dinâmico, e essas mudanças ocorrem cotidianamente.

Essa mensagem também me trouxe à tona uma reflexão significativa a respeito de minhas próprias identidades, bem como das identidades dos participantes desta pesquisa, pois elas se encontram em constante mutação.

Preliminarmente, acredito que antes de adentrar especificamente ao tema em questão, vale pontuar que a concepção adotada para este estudo identitário contemporâneo é de uma identidade mutável, pluralizada, contraditória e inacabada, em outras palavras, buscarei compreender previamente toda essa multiplicidade e complexidade que envolve o referido tema na atualidade, para a partir de então tentar analisar e discutir em sua fragmentação.

Em relação a isso, Maria José Coracini (2007, p. 12) menciona que “a identidade é interpretação de si – pelos outros e por si – e do outro – por si e pelo outro”, ou seja, a nossa identidade será definida a partir de como a entendemos, bem como ela é entendida pelo outro. Nesse mesmo sentido Terezinha de Jesus Machado Maher (1996, p. 21) complementa ao dizer que “é na presença do outro, em oposição ao outro, no contraste com o outro que eu me defino e marco quem sou”. Assim sendo, a meu ver, para o autor a identidade é definida a partir da comparação com outra identidade, ou melhor, pela diferença existente entre ambas.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 74) “em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir identidade. A identidade é simplesmente aquilo que se é [...]”. Entendo que nessa definição, o teórico menciona que a princípio a identidade é revelada pelo que aparentamos ser, como o outro nos visualiza, ou seja, superficialmente.

Ainda Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 74) complementa que “nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente”. Sendo assim, penso que “aquilo que sou” representa minhas diversas identidades, podendo retratá-las por meio de minha nacionalidade, naturalidade, cor, sexo, escolaridade, vida profissional (coordenadora, professora, formadora), estado civil, mãe, filha, mulher, amiga, pesquisadora, aluna, entre outras.

Ao formular o conceito de identidade, Stuart Hall (1997) pontua que “somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em

diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo”. Penso que longe dessas reflexões desse autor e dos demais adotados para este estudo, eu não seria capaz de observar que tanto eu como os participantes deste estudo, posicionamos de maneiras distintas nos diferentes contextos de interação social, ou melhor, afirmaria que nos apresentamos de maneiras idênticas em todos os lugares.

Kathryn Woodward (2014, p. 32) expande a discussão ao mencionar que “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito [...]”. Para tanto, fiz uma autorreflexão e passei a observar que apesar de me considerar como único ser, assumo diversas identidades cotidianamente, como citadas, posicionando-me de maneira distinta em cada uma delas, podendo torná-las conflitantes.

Nesse sentido, ainda Kathryn Woodward (2014, p. 32) complementa que “podemos viver em nossas vidas pessoais tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de outra”. Desse modo, para exemplificar o que foi citado pela autora, verifico que quando assumo a identidade de educanda em vez de educadora, essas identidades poderão tornar conflitantes. Mas, nesse caso será necessário que eu saiba negociar esse conflito identitário, em outras palavras, será imprescindível que eu abandone a minha posição absoluta de professora e deixe que o outro ocupe seu lugar de pertencimento.

Nessa introdução, ao buscar definir, associar e exemplificar o tema em questão com minha própria identidade, meu intuito principal foi a contextualização do assunto pesquisado. Mas para dar mais enfoque a ideia central deste artigo, trarei a seguir, alguns argumentos teóricos para que possamos ampliar nossos conhecimentos.

## **2. *Algumas considerações sobre a identidade***

Esta seção tem por finalidade ampliar os conhecimentos em relação ao tema identidade que a meu ver é um tema complexo para ser definido. Segundo o jornalista Benedetto Vecchi em seu livro de entrevista ao sociólogo Zygmunt Bauman (2012, p. 8), diz que esse “assunto é pela própria natureza, intangível e ambivalente”. Por isso, pautarei em visões de teóricos pós-estruturalistas, que apesar de apresentarem conceitos distintos, entendem o referido tema de maneira similar, pois acreditam que

as identidades na contemporaneidade já não apresentam mais como fixas, unificadas e acabadas, mas são múltiplas, contraditórias, inacabadas e estão em constante mutação.

Para iniciar essa discussão, Stuart Hall (2015, p. 10-12) explora algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avalia se existe mesmo uma “crise de identidade”, de maneira a identificar sua consistência e direção. Para tanto, o autor traz inicialmente a distinção entre três concepções muito diferentes que orientam a noção de identidade de forma que nos possibilitará a compreensão das constantes mudanças identitárias pelas quais estamos passando, sendo elas a do sujeito iluminista, sociológico e pós-moderno.

Segundo Stuart Hall (2015, p. 10-11), na primeira concepção, o sujeito do iluminismo, “estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior...”. Sob esse ponto de vista, posso dizer que a identidade desse sujeito não sofre alterações ao longo de sua vida, ou seja, ele permanece com a mesma identidade do nascimento à sua morte.

Na segunda concepção de identidade, Stuart Hall (2015, p. 11) refere-se ao sujeito sociológico como “real” descrevendo que, “a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. Sendo assim, o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o seu “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. O que podemos perceber nessa concepção é uma evolução histórica do conceito de sujeito e conseqüentemente o surgimento de uma nova concepção de identidade quando comparada com a identidade do sujeito do iluminismo.

Na terceira concepção, Stuart Hall (2015, p. 11-12) menciona que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de seu eu coerente”. Essa visão contemporânea me leva a refletir sobre uma outra concepção de identidade, aqui não será mais possível analisá-la por períodos, como nas concepções citadas anteriormente, mas sim na sua multiplicidade, na sua incompletude e possibilidades de ser assumida de diversas maneiras em diferentes momentos e lugares.

Sendo assim, ilustro de maneira poética as concepções teóricas citadas, no que se refere às “mudanças” identitárias ao longo dos tempos,

traduzo-as com uma visão de outros tempos, porém atual para este estudo, por meio de uma estrofe da poesia de Luiz Vaz de Camões<sup>93</sup> (1572), do poema *Os Lusíadas*, que em uma de suas estrofes ele diz que

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda-se o ser, muda-se a confiança;  
todo o mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades[...]. (CAMÕES, 1572)

Essas mudanças observadas pelo poeta no passado, atualmente ficaram mais evidentes e passaram a ser analisadas por diversos pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, denominadas como “mudanças identitárias”.

Ampliando a discussão e retomando a visão de Stuart Hall (2015, p. 112), em uma de suas considerações sobre as identidades do sujeito, ele nos diz que:

[...] as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do outro e que assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos. (HALL, 2015, p. 112)

Desse modo, Kathryn Woodward (2014, p. 7-8) esclarece que a identidade nos dá uma ideia de quem nós somos e de como nós nos relacionamos com os outros e com o mundo no qual vivemos. Esses conceitos levaram-me a refletir sobre as identidades reveladas pelos participantes desta pesquisa através de suas expressões subjetivas e posicionamentos assumidos dentro do contexto escolar.

A partir disso, Luiz Paulo da Moita Lopes (2003, p. 19) aponta que as questões relativas às identidades emergem nos estudos linguísticos com uma concepção de linguagem como discurso, ou melhor, “uma concepção que coloca como central o fato que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico”. Sendo assim, considerei a escola como um espaço ideal para este estudo, uma vez que possibilitou observar tal interação entre os participantes da pesquisa e comunidade escolar.

---

<sup>93</sup> Luís Vaz de Camões (1524-1580) foi um poeta português. Autor do poema *Os Lusíadas*, uma das obras mais importantes da literatura portuguesa, que celebra os feitos marítimos e guerreiros de Portugal. É o maior representante do classicismo português.

Nessa interação, por meio de seus discursos, os participantes pareceram revelar suas posições subjetivas assumidas a partir das relações com as pessoas com as quais eles convivem em seus contextos sociais. Desse jeito, ainda Luiz Paulo da Moita Lopes complementa que “todo ato discursivo se dirige a alguém e toda prática discursiva é situada no mundo sócio histórico e cultural em que ocorre, isto é, não ocorre em um vácuo social”. (MOITA LOPES, 2003, p. 22)

Nesse sentido, exemplifico com casos de estudantes que vivem no Brasil e são oriundos dos países vizinhos. Quando isso ocorre, ao expressarem suas subjetividades por meio de seus discursos, revelam também suas identidades nacionais, bem como seus meios sociais e culturais de pertencimentos. Isso acontece mesmo quando eles se expressam em língua portuguesa, pois ao expressarem suas subjetividades, há sempre algo que nega suas identidades como brasileiros, muitas vezes um sotaque característico ou preferências pessoais, que revelam suas identidades de hispano-americanos. Nesse sentido, entendo que a prática discursiva poderá revelar o mundo sócio histórico e cultural do indivíduo.

Desse modo, Kathryn Woodward (2014, p. 7-8) corrobora com o mencionado exemplificando que a identidade marca as maneiras pelas quais nós nos reconhecemos dentro do grupo que compartilha uma mesma posição, e as maneiras nas quais nós somos diferentes daqueles que não a compartilham.

Sendo assim, para pôr em debate as identidades dos participantes desta pesquisa, bem como os contextos em que estão inseridos, trarei mais uma visão de Zygmunt Bauman (2005, p. 44) em que ele reconhece que:

Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constroem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar e nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam e estigmatizam. (BAUMAN, p. 44)

Ainda Zygmunt Bauman (2005, p. 17) complementa essa definição quando ele diz, que “o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. Nesse sentido, entendo que essas pessoas que tiveram negado o acesso a escolha de suas identidades, poderão (re)

construí-las, reposicioná-las. Isso será uma decisão que o próprio indivíduo terá que tomar a partir do reconhecimento sobre a atual condição em que vive, traçando objetivos que possibilitem um reposicionamento social. Por isso acredito que por meio da aquisição dos conhecimentos oportunizados pelo Projovem, os participantes desta pesquisa poderão adquirir novas identidades.

Kanavillil Rajagopalan (2003, p. 71) complementa nesse sentido ao dizer que “[...] A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente”. Sendo assim, procurei neste estudo, perceber as diversas identidades assumidas pelos participantes dentro do espaço escolar, mas sem desconsiderar as demais identidades assumidas nos contextos sociais em que esses jovens estão inseridos.

Para auxiliar nesse entendimento, Antonio da Costa Ciampa (1987) define “identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos”. Nesse dinamismo identitário citado pelo autor, ele deixa claro que não é exclusivamente o indivíduo que determina sua identidade, ou seja, não depende apenas de sua vontade, de seus projetos de vida, mas também de processos externos relacionados ao seu contexto social e à sua história de vida.

Além disso, Bonny Norton Peirce (2000, p. 5) acrescenta o debate ao mencionar que o construto de identidade se relaciona “ao modo pelo qual os indivíduos entendem a sua relação com o mundo, como essa relação é construída por meio do tempo e do espaço; e também como esses indivíduos entendem as possibilidades para o futuro”. A partir dessas considerações da autora, fica evidente que a identidade de um indivíduo poderá ser (re)construída a partir de seu posicionamento social, de sua tomada de consciência sobre a atual situação em que vive, ou seja, o que ele considera como reais necessidades, de que maneira define seus projetos de vida e como busca concretizá-los.

Nesse mesmo sentido Zygmunt Bauman (2005, p. 22) diz que “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar e protegê-la lutando ainda mais”. Nessa perspectiva, o indivíduo não possui uma identidade fixa por toda a vida, podendo (re) construí-la a partir de seus desejos de mudanças.

Para enriquecer ainda mais o debate, Maria José Coracini (2003, p. 113) acrescenta que “se esse sujeito é internamente múltiplo, ser heterogêneo, clivado, barrado, não nos é possível falar de identidade como algo acabado, estável e fixo”. Sendo assim, essa mesma autora, ainda acrescenta que “a identidade é ilusória e só existe como construção imaginária”. Sob essa perspectiva abstrata da autora, Kanavillil Rajagopalan (1998, p. 41-42) amplia a percepção da autora ao mencionar que:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior ou fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades estão sempre num estado de fluxo. (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42)

Partindo desse conceito que língua e identidade estão intimamente ligados e em constante mutação, penso que ao buscar entender a identidade de cada participante desta pesquisa, também passarei a entender um pouco sobre as identidades das pessoas com quem eles convivem em seus contextos sociais, isso porque ao expressarem suas subjetividades, poderão também revelar suas experiências vivenciadas nesse contexto.

Expandindo a teoria sobre identidades e como elas poderão ser construídas ou reveladas, Luiz Paulo da Moita Lopes (2003, p. 20) diz que “aquilo que a pessoa é, ou sua identidade social, é exatamente o que é definido nos e pelos discursos que a envolvem e a constroem”. Sendo assim, considere fundamental tentar entender o processo da construção identitária dos estudantes do Projovem Urbano por meio de suas narrativas e entrevistas, ou melhor, por meio da expressão da subjetividade de cada participante.

Ainda tratando desse mesmo assunto, retomo o pensamento de Stuart Hall (2015, p. 9), que complementa o debate ao dizer que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui vistos como sujeitos unificados”. A partir disso, ele procurou investigar se há mesmo uma “crise de identidade” relacionada ao processo de mudança conhecido como mudança global, que para ele torna as fronteiras indefinidas e as identidades menos sólida ao dizer que:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” — como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos para as mesmas

mensagens e imagens— entre pessoas que estão bastante distantes uma das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2015, p. 43)

Nessa perspectiva, parece haver uma “homogeneização” cultural. Além disso, Kanavillil Rajagopalan (1998, p. 26) acrescenta que “as identidades estão todas elas, em permanente estado de transformação, ebulição. Elas estão sendo constantemente construídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas as novas circunstâncias que vão surgindo”. Com isso, faz-se necessário refletirmos essas mudanças a partir do nosso contato virtual com as pessoas, ou seja, as possibilidades do acesso online às múltiplas identidades na “Nova Era Digital” que poderá moldar nossa maneira de pensar, agir e se relacionar com as pessoas no mundo.

Em relação a esse assunto, acho interessante trazer essa discussão, mais uma vez, para dentro dos espaços das escolas públicas, pensando nas classes sociais menos favorecidas, ou seja, falar sobre as reais condições de acesso às informações e aos conhecimentos das pessoas mais pobres de nossa sociedade, nesse lugar. Para tanto, Maria José Coracini pontua que “embora circulem discursos que promovem a existência de computadores ao alcance de todos, sabemos que esse alcance depende de uma série de condições”. (CORACINI, 2011, p. 25)

O questionamento que essa autora fez é muito relevante para o nosso estudo quando pensamos nas mudanças identitárias na “Nova Era Digital”, pois o que tenho presenciado ao longo dos anos nas diversas escolas públicas em que trabalhei, em redes distintas, em relação ao acesso tecnológico pelos alunos e um verdadeiro descaso com a educação pública. Digo isso porque na maioria dos casos em que vivenciei, o acesso é muito precário, com oferta de equipamentos de má qualidade e ultrapassados, ou quando esses equipamentos possuem boas condições de uso, quase sempre, não há acesso à internet. Em relação a esse assunto Maria José Coracini (2011, p. 25) acrescenta que:

... Não é necessário muito esforço para se dar conta de que a defasagem entre uns e outros prossegue: antes, no acesso a bibliotecas, a livros, à mídia de que faz parte o ciberespaço. A desigualdade continua inexorável, apesar da aparência enganosa das propagandas políticas e das publicidades mercantilistas. (CORACINI, 2011, p. 25)

Trouxe essa questão para nosso estudo, porque acredito que as informações e os conhecimentos ofertados dentro do espaço escolar estão

diretamente relacionados a formação das identidades dos estudantes, pois acredito que a aquisição desses conhecimentos agregados aos já repassados pela família e em seu meio social, fará toda distinção na maneira como serão visualizados e posicionadas socialmente.

A meu ver, para o educando adquirir novos conhecimentos oportunizados no espaço escolar, além do acesso tecnológico, ele deve ser orientado pelos educadores em onde e como buscar as informações que contribuam para sua formação identitária, pois de acordo com Stuart Hall (2005, p. 38) a identidade permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". Nessa perspectiva, Luiz Paulo da Moita Lopes (2003, p. 309), confirma sobre a importância da mediação do educador na formação das identidades dos seus alunos devido à ocupação da posição de líder nas interações assimétricas.

Essa consideração do autor vem ao encontro de minhas convicções, porquê durante o período em que estive nas escolas públicas, já ouvi muitos relatos de estudantes, inclusive do Projovem, agradecendo determinados professores, dizendo que graças à dedicação deles fez com que esses estudantes adquirissem determinadas identidades.

Penso que nesse caso, realmente há uma contribuição significativa do educador em sua formação, porém essas mudanças identitárias só aconteceram porque a prática pedagógica foi aliada ao "investimento" efetivo do estudante na aquisição dos conhecimentos ofertados dentro do espaço escolar.

Stuart Hall (2015, p. 24) acrescenta que "a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade". Nesse mesmo sentido Eni Puccinelli Orlandi confirma que a identidade:

não é homogênea e ela se transforma. Não há identidades fixas e categóricas. Esta é uma ilusão – a da identidade imóvel – que, se de um lado, é parte do imaginário que nos garante uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é um ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão. (ORLANDI, 1998, p. 204)

Com essas reflexões, finalizo essa seção com a impressão que os conceitos relativos ao tema identidade foram parcialmente explorados, mas espero que essas contribuições possam nos levar a fazer uma "reconsideração radical na própria noção de identidade". (RAJAGOPALAN, 1998, p. 27)

Sendo assim, na próxima seção ampliarei esse entendimento por meio da análise e discussão dos dados coletados dos seis participantes deste estudo.

### **3. As identidades dos participantes em questão**

Nesta seção objetivo investigar o impacto das memórias de aprendizagens dos participantes na busca da aquisição de novos conhecimentos oportunizados pelo Projovem Urbano e conseqüentemente na construção de suas identidades. Para tanto, analisarei e discutirei os seguintes dados coletados dos participantes, pautada nas teorias contemporâneas mencionadas anteriormente. Porém, acredito que isso não ficará isento de minhas impressões subjetivas. Isso porque estive presente no contexto de investigação pelo período de 18 meses.

Sendo assim, esclareço que ao mencionar algumas situações informalmente, não pretendo julgar quem quer que seja, pois meu intuito com isso será discutir, ampliar conhecimentos, tentar investigar os fenômenos de formação identitária dos participantes deste estudo, bem como deixar explícito o contexto social em que eles estão inseridos.

Dessa maneira, iniciarei com a análise dos dados coletados da participante Catherine com o intuito de analisar e discutir alguns fenômenos que podem envolver sua construção identitária.

[...] Então meus pais se separaram e comecei a ter mais dificuldades.

Minha mãe não era muito presente pois tinha que trabalhar.

Então voltei pra cá pra morar com meu pai.

Fui matriculada na Escola Araci Eudociak fiz o quinto ano lá e desisti no sexto ano [...]

[...] Voltei a estudar várias vezes e sempre desistia[...]

[...] Então tive que começar a trabalhar pra ter meu sustento pois sai da casa do meu pai ele não queria mais eu lá, as vezes não tinha nem onde dormi.

Então fui morar na casa de uma amiga, e conciliar meu trabalho com estudo era difícil por que sempre trabalhei anoite e o dia eu queria só dormir[...].  
(Catherine, narrativa 01, 2016)

Catherine é uma jovem de 25 anos de idade, casada, mãe de duas filhas. Ao ler esse trecho de sua narrativa, pude inferir que sua defasagem escolar em relação a idade/ano pode ter como um dos fatores preponderante a falta de estrutura familiar, bem como a necessidade que possuía

de trabalhar para obter seu próprio sustento.

Atualmente, essa participante aparenta ser uma pessoa determinada, responsável, cumpridora de seus deveres e preocupada em ofertar para si e para seus filhos as oportunidades que lhe foram negadas em sua infância, adolescência e juventude. Isso foi possível verificar por meio de nossas conversas informais e mediante observações relativas às suas atitudes, tais como: pontualidade, assiduidade, realização das atividades propostas, desempenho nas avaliações escolar, postura para conversar e se relacionar com equipe escolar e colegas, maneira como zela de suas filhas entre outras. Sendo assim, Catherine contribuiu com minha pesquisa com muita responsabilidade, não deixando de fazer nenhuma das atividades solicitadas.

Nessa parte da narrativa de Catherine, também pude observar que a princípio ela não teve como optar por sua identidade, por isso coadunou com os ideais de Zygmunt Bauman (2005, p. 44) quando ele diz que “no outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem o direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros [...]”. Sendo assim, a partir de seus desejos e reconhecimento sobre a própria condição e potencial humano, Catherine pretende adquirir outras identidades, talvez aquelas que lhe foram negadas por destino. Isso fica evidente quando ela diz

Eu acordei né! Eu acordei, eu vi que realmente eu posso continuar, que eu tenho forças e que eu tenho que continuar lutando. É isso! (+) São essas as mudanças, antes eu num, eh (+) num pensava assim, eu pensava que (+) que já tinha chegado em uma certa idade e que tinha que parar ali e pronto. (Catherine, entrevista, 2016)

Nesse sentido, Bonny Norton Peirce (2000, p. 5) afirma que a identidade está ligada “ao modo pelo qual os indivíduos entendem a sua relação com o mundo, como essa relação é construída por meio do tempo e do espaço; e também como esses indivíduos entendem as possibilidades para o futuro”. De acordo com essa autora, ao analisar o trecho da entrevista de Catherine citado anteriormente, fica evidente que ela almeja uma mudança identitária, ou melhor, passa a ter uma nova visão sobre suas “possibilidades para o futuro”.

Após essa análise, a seguir trarei um trecho da narrativa de Olga para que possamos conhecer um pouco sobre sua identidade, bem como analisar e discutir seus dados.

Sou de uma família bem humilde que hoje é o meu porque de estar aqui, participando das aulas do Projovem[...].

[...] No ano de 1991 mais ou menos comecei os meus estudos [...].

Mas infelizmente no meio do ano tive que parar, devido as condições financeiras dos meus pais, mudamos pra cidade de Campo Grande e fui morar depois de uns anos com os meus tios, pois nesse mesmo ano eles foram morar na fazenda e lá não havia Escola.

Passsei 02 ano e meio com ela e foram os dias mais tristes da minha vida, mais consegui vencer, comecei a estudar na E. E. Linho Vilacha. no ano de 1994 fui pra Rochedo, e lá, fomos morar em uma chácara, ali íamos estudar em Rochedo na Escola Rural “Poló” era um dia sim e 01 dia não, no tempo integral [...].

Então os anos iam passando. estudei em outra Escola Rural que não me lembro o nome, fiquei até a quarta série ou seja fiz a quarta série e fiquei de recuperação [...].

E assim passou minha vida na escola até chegar no projovem, depois de ficar 15 anos sem estudar. (Olga, narrativa 01, 2016)

Olga é uma jovem de 31 anos de idade, divorciada, mãe de dois filhos. Ao ler esse trecho de sua narrativa, a meu ver, ela deixa claro que sua defasagem escolar em relação a idade/ano está relacionada a falta de acesso à escola, às condições financeiras de seus pais, em outras palavras, a desestrutura familiar.

Acredito que devido à falta de oportunidades no passado, faz com que atualmente Olga possua desejos de prosseguir com seus estudos para “mudar de vida”, como ela mesma diz em nossas conversas informais, enfatizando que a atual situação não está satisfatória, pois “não desejo limpar chão dos outros para o resto de sua vida”. Para tanto, reconhece que “o caminho é a escola mesmo, é os estudos, até o final, até eu consegui a última meta a qual eu estou pretendendo, a qual eu despertei, mhm (+) não tem outro caminho”. (Olga, entrevista, 2016)

Em relação a isso Zygmunt Bauman (2005, p. 22) afirma que “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo[...]”. Sendo assim, o desejo que Olga tem de abandonar certas identidades que lhe foram impostas por destino e adquirir novas identidades em que julga ser melhores, exigirá dela empenho e dedicação para que possa alcançar seus objetivos almejados.

Ao encerrar o espaço destinado a Olga, posteriormente trarei um pequeno trecho da narrativa de Helena para que possamos conhecer um

pouco sobre sua formação identitária e também analisar e debater seus dados.

[...] fiz até a sexta série e depois por muitos obstáculos tive que parar de frequentar a escola, mas fiquei sabendo desse programa Projovem que é a chance para pessoas de 18 a 29 anos a terminarem o ensino fundamental então achei muito bom e me matriculei [...]. (Helena, narrativa 01, 2016)

Helena é uma jovem solteira, de 22 anos de idade. Ao ler esse trecho de sua narrativa, entendo que está implícito que sua defasagem escolar em relação a idade/série também pode estar relacionada à falta de estrutura familiar e às condições sociais onde vive. Ela pontua ter passado por “diversos obstáculos em sua vida”, porém não especifica em nenhum momento quais foram, mas para que possamos entender um pouco sobre sua formação identitária, acrescento informalmente que ela é moradora de uma comunidade carente denominada “Corredor do Nova Lima”, ou seja, o seu contexto de vida, provavelmente fez com que ela sofresse muitas frustrações e exclusão.

Acho oportuno acrescentar que Helena ao chegar à escola em março do ano de 2015, tinha dificuldade de socialização. Isso ficava evidente em sua resistência em sentar-se em círculo com os demais colegas, na recusa em realizar atividades propostas pelos educadores bem como na expressão da falta de carinho com que nos tratava. Mas isso, não foi em nenhum momento, motivo para desistirmos dela, pois cada vez mais tentávamos acolhê-la com mais carinho e respeito no espaço escolar.

Porém, o que me causava estranheza era que mesmo com esse comportamento, Helena não faltava à escola um dia sequer, mesmo morando distante e não possuir vale transporte para deslocamento até a escola.

Com o decorrer dos meses, observei que ela foi se habituando ao ambiente de sala de aula, começou a se sentar em círculo junto aos demais colegas e também estabeleceu vínculo afetivo com a equipe de educadores do programa. Nesse sentido Antonio da Costa Ciampa (1987) define “identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos”. A partir dessa possível “transformação” de Helena, conseqüentemente passou a ser mais comunicativa e realizar as atividades propostas pelos educadores, pois visualizou no programa, como ela mesma disse, uma “chance”, para concluir o ensino fundamental e em consequência a isso adquirir novas identidades.

Desta maneira, Bonny Norton Peirce (1997, p. 410), afirma que o construto identitário está relacionado “ao modo pelo qual as pessoas compreendem a sua relação com o mundo, como essa relação é construída por meio do tempo e do espaço e também como o sujeito entende as possibilidades para o futuro”. A partir dessas reflexões da autora podemos verificar que Helena ao expressar sua subjetividade revela-nos sua relação com o seu mundo interior e exterior e ainda pontua as possíveis mudanças identitárias sofridas ao mencionar que

Antes eu era (+) bem (+) eu vivia num mundo que (+) num mundo que era só o meu mundo, ninguém entrava, eu não conversava com ninguém, eu me via uma pessoa que não conseguia (+) eu falava, eu não posso, eu não consigo, tipo assim, eu me rebaixava (+) agora não, tudo mudou, meus pensamentos, tudo, tipo (+) agora eu me vejo uma pessoa positiva, eu aprendi até a falar com as pessoas, aprendi a me abri também, aprendi a (+) se comunicá, aprendi (+) a respeitá as pessoas, também a respeitá (+) o que elas pensam. Não tipo assim, elas pensá uma coisa e eu não aceitá e julgá (+) entendeu? (Helena, entrevista, 2016)

Em relação a essas mudanças mencionadas por Helena, Zygmunt Bauman (2005, p. 17) afirma “que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais para o pertencimento quanto para identidade”. Sendo assim, a seguir, demonstrarei, mais uma vez, como Helena considera ter sofrido mudança identitária, para tanto, dessa vez, trarei um trecho de seu agradecimento a minha pessoa, postado em minha página do facebook, logo após ela ter concluído o ensino fundamental por meio do Projovem.

Vou sentir Muitas saudades dessa chata kkkkk, Mas quem sabe nos encontramos de novo por aí Obrigada por pegar no meu pé sua chata, se não fosse sua chatice comigo *não seria essa menina que sou hoje, aprendi muito* com você, Maria Das Dores Dias Acosta.

(Helena, mensagem facebook, 2016, grifos meus)

Com isso, sinto-me lisonjeada, na certeza de que meu dever foi parcialmente cumprido, mas não posso deixar de mencionar que o mérito foi de Helena, pois foi o seu desejo de mudança aliado ao comprometimento que possibilitou-lhe adquirir novas identidades.

A partir dessas análises e considerações, a seguir apresentarei um fragmento da narrativa de Ivan para que possamos conhecer um pouco sobre sua formação identitária, bem como analisar e discutir os dados.

Comecei a estudar na Escola AdaTeixeira dos Santos Pereira, não fiz pré, então reprovei na primeira série até pegar o jeito de aprender a escrever e ler.

[...] começou a avançar, depois passei pra quinta série comecei a fazer muitos trabalhos e pesquisa e minhas notas eram muito boas, depois passei pra sexta série, pra mim vi que essa série era difícil, mexia muito na cabeça reprovei, tentei de novo reprovei. Comecei a fazer eja mas disisti por causa das amizades. Agora eu com 26 anos conheci o Projovem, pra acabar os estudos, e disso precisava, pois estava muito difícil arrumar um emprego, me toquei que estudo era muito importante pra minha vida. (Ivan, narrativa 01, 2016)

Ivan é um jovem solteiro de 26 anos de idade. Ao ler esse trecho de sua narrativa, pude inferir que sua defasagem em relação a idade/ano escolar está parcialmente relacionada às influências sofridas por algumas pessoas com quem ele convivia em seu meio social. Em relação a isso Zygmunt Bauman alerta que as “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (BAUMAN, 2005, p. 19)

É relevante informar que a princípio Ivan não aparentava muito envolvido com os estudos, mas nos últimos meses da execução do programa ele se mostrou mais empenhado e por consequência foi o vencedor do Festival de composição do Projovem Urbano edição 2015/2016, com uma letra de rap, denominada “Vida Real”, considerado pelo corpo de júri do referido festival, uma poesia.

Com isso teve a oportunidade de gravar um vídeo em estúdio, dar entrevista em rádio e televisão. A partir de então passou a posicionar-se de maneira ainda mais responsável diante dos estudos, ou seja, no ambiente escolar passou a assumir outras identidades, até então não reveladas. Em relação a isso, Zygmunt Bauman sustenta que “o pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Sendo assim, Ivan reconhece ter sofrido mudanças identitárias significativas a partir de seu ingresso no PROJOVEM ao dizer que

antes eu não pensava em mim, pensava só em curtir. Mas depois que eu conheci o Projovem, abriu mais minha mente né. Comecei a gostar de estudar, a gostar das matéria, comecei a dedicar mais no estudo e de agora mais para frente é que vou estudar mais né! ((risos)) porque vai precisar. (Ivan, entrevista, 2016)

Mas, Ivan também assume identidades contraditórias, em relação às mencionadas dentro de sala de aula, isso pode ser verificado ao observar suas atitudes comportamentais e pessoas com quem ele se relaciona nesse ambiente. Em relação a isso Stuart Hall (2015 p. 11-12) confirma que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos,

identidades que não são unificadas ao redor de seu eu coerente”. Dessa maneira, Kanavillil Rajagopalan diz que “[...] a única forma de definir uma identidade é uma oposição a outras identidades em jogo”. (RAJA-GOPALAN, 2003, p. 71)

Com o exposto, encerro aqui o espaço dedicado a análise identitária de Ivan. A seguir farei algumas análises e discutirei os dados coletados de Adolfo, para que possamos entender alguns fenômenos que podem ter contribuído para sua formação identitária.

[...] eram tempos em que minha família passarão por muitas dificuldades mesmo assim minha mãe sempre fez de tudo para que nós, eu e meus irmãos estudássemos fui matriculado na escola Ada Teixeira. Onde fiz o pré [...].

[...] fui bem até a adolescência, quando fiz treze anos comecei a sair e ter mas amizades foi quando fui perdendo o interesse nos estudos e fui parando de frequentar a escola mesmo contrariando minha família que sempre insistia para que eu voltasse mas eu achava que era tarde demais [...].

[...] E sei que os estudos ajudaram no desenvolvimento tanto mental quanto social, assim como mudou a minha forma de pensar e até de agir. (Adolfo, narrativa 01, 2016)

Adolfo é um jovem casado de 26 anos de idade e possui 4 filhos. Observei em sua narrativa que ele revela que apesar das dificuldades passadas em sua vida, a sua família sempre se fez presente, dando incentivos para prosseguir seus estudos.

Mas, em relação às amizades mencionadas por esse participante, Zygmunt Bauman (2005, p. 19) reafirma que as “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Penso que quando o participante diz “quando fiz treze anos comecei a sair e ter mas amizades foi quando fui perdendo o interesse nos estudos e fui parando de frequentar a escola”, não houve, no âmbito familiar e escolar, esse estado de alerta recomendado pelo autor e ele acabou sendo influenciado por algumas pessoas de seu convívio social, mesmo contrariando as orientações da família.

Por outro lado, esse participante desde o princípio da execução do projeto, sempre se mostrou muito responsável e dedicado com seus estudos, fez a prova do ENEM no ano de 2015, período em que ainda estava cursando o Projovem, e foi aprovado em quase todas as disciplinas, ficando em aberto somente a de língua portuguesa. Com isso, Adolfo relata que a participação no programa “mudou a minha forma de pensar e até

de agir”.

Dessa forma, em relação a essa mudança identitária relatada por Adolfo, Stuart Hall (2006, p. 38) defende que “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Sendo assim, ao concluir a etapa do ensino fundamental pelo Projovem, em seguida Adolfo nos informou que já havia se matriculado na escola Ignês de Lamônica Guimarães com a finalidade de eliminar a referida disciplina que ficou pendente, aparentando estar muito feliz porque ele acredita que em breve ele concluirá o ensino médio e logo ingressará em uma universidade.

Com essas considerações feitas sobre os fenômenos que envolvem a formação identitária de Adolfo, considero encerrado o espaço destinado ele. A seguir apresento os dados coletados de Augusto para análise e discussão dos mesmos.

[...] Eu sai da escola por causa das mas amizades e por isso fiquei três anos sem estudar, eu só queria sai e ficar na rua e não queria saber da escola mais com o tempo eu aprendi que não ia me levar a nada se eu não tivesse estudo isso fecho muitas portas de emprego, por causa dos estudos através do projovem eu aprendi que o estudo e a coisa mais importante para minha vida. (Augusto, narrativa 01, 2016)

[...] O programa projovem influencio minha vida, porque antes eu não queria saber de estudar ou de escola eu só matava aula é através do projovem Tive uma nova vição da escola e do modo como cada professor ensina. (Augusto, narrativa 02, 2016)

Augusto é um jovem solteiro de 26 anos de idade. Percebo que ao narrar sua história ele menciona as “mas amizades” e diz que antes ele “só queria sai e ficar na rua”. Isso, a meu ver, revela implicitamente a falta de estrutura familiar e a influência sofrida pelo seu ambiente e pessoas de sua convivência.

Sinto-me a necessidade de fazer um breve relato sobre a vida de Augusto a partir de seu ingresso no Projovem para tentarmos entendermos alguns fenômenos que envolvem sua formação identitária. Para tanto, no início do projeto Augusto era rebelde, malvestido, descuidado com sua higiene pessoal, agressivo e usava muitas palavras de baixo calão.

Em relação a isso Gonzalez Rey (2005, p. 19) considera a subjetividade como “um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação”. Sendo assim entendo que Augusto ao ex-

pressar sua subjetividade também revela o seu contexto social e as pessoas com quem ele se relaciona nesse contexto.

Ao mencionar em sua narrativa que “O programa Projovem influenciou minha vida, porque antes eu não queria saber de estudar ou de escola eu só matava aula”, na realidade o que ocorreu com Augusto não considero uma influência do programa, mas uma tomada de consciência por ele, uma nova maneira de enxergar as possibilidades de futuro, uma mudança de postura, que pode ter possibilitado uma mudança identitária.

No que diz respeito a isso, Kanavillil Rajagopalan defende que “as identidades estão todas elas, em permanente estado de transformação, ebulição. Elas estão sendo constantemente construídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 26). Essa transformação mencionada pelo autor, é também percebida por Augusto quando ele diz que

Antes de eu fazer o Projovem eu era um (+) um garoto rebelde, não queria saber de nada, nem de escola, após conhecer o Projovem, ver os professores ajudando aqui sempre estando com nós assim, eu pude ver de outra maneira os estudos, aprendi mais, mudei o meu comportamento, agora eu pretendo terminar né! pra dar um futuro melhor pra mim e minha família. (Augusto, entrevista, 2016)

Com o exposto, encerro aqui as considerações relativas a alguns fenômenos que possivelmente envolveram a formação identitária de Augusto. Desse modo, na próxima seção farei algumas considerações que julgo relevantes a partir deste estudo.

#### **4. Considerações finais**

Pautada nas teorias pós estruturalistas apresentadas anteriormente, bem como nos dados coletados dos participantes deste estudo, foi possível verificar que as identidades na contemporaneidade não são fixas, mas estão em constante mutação, podendo ser (re)construídas de acordo com os desejos e necessidades de cada indivíduo.

Outros fatores relevantes que pude perceber com esta pesquisa, foi que a identidade do indivíduo não nasce com ele, mas a partir de suas relações humanas, ou melhor, das relações em um determinado contexto social no qual o indivíduo está inserido. Sendo assim podemos entendê-la como algo sócio histórico. Por isso, entendo que as identidades dos parti-

cipantes deste estudo não estão relacionadas exclusivamente aos seus projetos e desejos de mudanças, mas também com suas trajetórias de vidas.

Finalmente, direcionando esse debate exclusivamente para a (re)-construção das identidades das pessoas de classes sociais menos favorecidas de nossa sociedade, que é o caso dos participantes desta pesquisa, passo a partir deste estudo, a considerar o espaço escolar como um dos principais responsáveis pela formação identitária do indivíduo, isso pela limitação que ele possui em relação ao acesso a outros espaços de socialização, que é consequência da própria condição social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAMÕES, Luís Vaz de. *200 sonetos*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Identidades silenciadas e invisíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_. (Org.). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira)*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 103-133.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação e Realidade*, vol. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. *Ser professor sendo índio: ques-*

*tões de língua(gem) e identidade*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidade sociais. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Discursos de identidades*: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

NORTON PEIRCE, Bonny. Social identity, investment, and language learning. *TESOL Quarterly*, vol. 29, n. 1, 1995.

\_\_\_\_\_. *Identity and language learning*: Gender, ethnicity and educational change. Harlow: Pearson Education, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Língua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 203-212.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica*: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Língua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

WEEDON, Chris. *Feminist Practice and Poststructuralist Theory*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferenças: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.